

# REVISTA ADVENTISTA

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

## *EVANGELIZAÇÃO*

JESUS CRISTO deixou na Terra Sua espôsa, a Igreja, com a missão de evangelizar: dar as Boas Novas, espalhar as verdades eternas, sempre consoladoras e tonificantes. A História do Cristianismo ensina que, no decorrer de 20 séculos, muitas vezes, a Igreja perdeu de vista o seu programa e dedicou as suas energias, talentos e dinheiro, em muitas coisas inúteis, nocivas, prejudiciais, chegando ao desfôro de matar os próprios cristãos!

Os resultados estão patentes: o mundo aguarda a sua cristianização.

A que propósito vem êste arrazoamento?

Leiamos o artigo do Pastor Gerber, Delegado da Divisão Sul-europeia às Assembleias da União e veremos que a nossa maior necessidade em Portugal é o revigoramento da Evangelização.

Já pensaste, leitor, na evangelização da tua aldeia, vila ou cidade? Qual será o melhor meio de levar «a Mensagem do Advento a todos os habitantes da tua Terra no mais curto espaço de tempo»?

E tu, meu caro Evangelista, já descobriste alguma coisa?

A obra de evangelização deve preocupar a todos os membros do Lar de Deus, a tôdas as direcções de qualquer departamento nas Igrejas, aos conselhos das Igrejas.

«Não durmais» é o grito das Escrituras.

# OS OBREIROS NO ACTIVO

— por **A. V. OLSON** —

*Presidente da Divisão Sul-Europeia*

Para a Igreja de Deus a entrada de uma geração nova em campo de acção tem sido muitas vezes suportada com perigo. Foi assim no tempo do Velho Testamento, e assim tem sido certamente desde os dias de Cristo. Da Igreja que Josué conduziu através do Jordão até à terra prometida, lemos no segundo capítulo de Juizes: «E o povo serviu ao Senhor todos os dias de Josué... E levantou-se uma outra geração após êles que não conheceu ao Senhor... E os filhos de Israel fizeram o mal aos olhos do Senhor».

A experiência da primitiva Igreja foi muito semelhante. Robinson, o historiador da Igreja Baptista, diz: «No limiar do fim do segundo século, a maior parte das igrejas assumiu uma nova forma, a primitiva simplicidade desapareceu e, insensivelmente, à medida que os velhos discípulos desciam aos seus túmulos, os seus filhos, a par dos novos convertidos... passaram além e remodelaram a causa». — *Eccl. Researches, cap. 6, p. 51, ed. 1792*. Este foi o comêço da grande apostasia que conduziu às trevas da Idade Média. Muitas igrejas seguiram a mesma rota. Se os seus fundadores pudessem hoje erguer-se dos seus túmulos, não as reconheceriam como as igrejas por êles fundadas. Abandonaram o caminho da santidade. Perderam a sua antiga pureza. As normas foram baixadas, o mundanismo desenvolveu-se e a luz cresceu fraca.

Com razão, muitos estão perguntando qual será a experiência do Movimento Adventista ao passar às mãos de uma nova geração. Será êle conduzido àvante e para cima no caminho da pureza e da rectidão, ou será conduzido para fora de Deus nas veredas do mundanismo e pecado?

Os primeiros dêste movimento desceram à sepultura, e os seus sucessores estão envelhecendo. Um por um, êles são compelidos a deixar o fardo e confiá-lo nas mãos dos mais novos. Qual será a atitude, qual será a experiência dêstes homens? Qual será a experiência da causa de Deus nas suas mãos?

Alguns anos antes da sua morte, a Irmã White escreveu: «A quem devem ser confiados os interesses vitais da igreja quando os presentes porta-

-estandartes cairem? Não podemos senão olhar ansiosamente para os jovens de hoje como aquêles que devem tomar êsse encargo, e sôbre quem cairão as responsabilidades. Estes devem tomar a obra onde outros a deixam, e o seu comportamento determinará se a moralidade, a religião e a crença vital prevalecerão, ou se a infidelidade corromperá e arruinará tudo o que é de valor». — *Gospel Workers, p. 68*.

Estes são pensamentos solenes, pensamentos que cada jovem obreiro deveria ponderar cuidadosamente e com espírito de oração. Notai com cuidado a afirmação, «e o seu comportamento determinará se a moralidade, a religião e a crença vital prevalecerão, ou se a infidelidade corromperá e arruinará tudo o que é de valor». E' esta seguramente uma chocante afirmação — uma afirmação que deveria levar cada obreiro de joelhos perante Deus. Não podemos deixar de temer e tremer ao pensarmos na estupenda responsabilidade que repousa sôbre nós. Que Deus nos ajude a permanecer firmes como Rochas Eternas pela verdade e pela justiça. Nem por um momento devemos vacilar. Nem por um breve segundo devemos permitir-nos deixar cair no pó o estandarte da verdade.

«Nunca antes», diz a serva do Senhor, «houve tantos em perigo; nunca houve resultados tão completamente dependendo de uma geração como os que agora dependem daqueles actualmente entrando no plano de acção». — *Idem, p. 68*. Todo o céu está vigilante para ver como encararemos e desempenharemos essas responsabilidades. Deus nos livre que os anjos registadores tenham de escrever de nós, como da geração que tomou o lugar dos anciãos que sobreviveram a Josué, e da geração que se levantou para guiar a igreja depois dos apóstolos descerem à sepultura, que «passámos além e remodelámos a causa», que «fizemos o mal aos olhos do Senhor», e que desviámos a Igreja do caminho direito. E possa antes ser escrito de nós que conduzimos a Igreja cada vez mais perto da norma divina, e de vitória em vitória no serviço cristão.

# ASSEMBLEIAS GERAIS

## DA

# UNIÃO PORTUGUESA

Precisamos não deixar no olvido as nossas Assembleias Gerais de 16 a 20 de Junho do corrente ano.

É um privilégio incalculável vivermos numa atmosfera de paz e de liberdade religiosa, neste cantinho de Portugal. Não sabemos como agradecer a Deus o conjunto de sábias leis sob as quais vivemos e que dão as Congregações religiosas a liberdade e a personalidade jurídica. Com que satisfação não deveriam ter-se reunido na Sede, em Lisboa, os delegados das diversas igrejas de Portugal para trocarem impressões e tomarem decisões sobre o futuro da obra adventista!

Após viagem bastante acidentada chegou ao nosso meio, como representante da Divisão Sul-europeia, o Pastor R. Gerber, director da União Suíça. Tomou a direcção suprema dos trabalhos e uma parte muito activa nas reuniões públicas.

Na quarta-feira, 16 de Junho, às 21 horas, tivemos a primeira reunião de boas-vindas na qual tomou a palavra o director desta Revista que focou a grande necessidade de nunca esquecermos o fim da Religião que é a caridade, o amor mútuo, o bem-estar eterno das almas.

Na quinta-feira, 17 de Junho, às 9 horas, demos início aos nossos trabalhos e segundo o programa distribuído:

### PROGRAMA

QUARTA-FEIRA, 16 (às 21 h.) — Reunião de Confraternização, dirigida por *A. D. Gomes*.

QUINTA-FEIRA, 17 (das 9 às 9,45) — Culto Matinal, por *Manuel Leal*.

Das 10 às 10,45 — Estudo Bíblico, por *R. Gerber*.

» 11 » 11,45 — 1.<sup>a</sup> Reunião Administrativa.

» 15 » 16 — Departamento da Juventude.

» 16,15 às 17 — 2.<sup>a</sup> Reunião Administrativa.

» 17 às 18 — Departamento de Publicações.

Às 21 horas — Conferência Pública, por *G. Gerber*.

SEXTA-FEIRA, 18 (das 9 às 9,45 — Culto Matinal, por *Manuel Lourinho*).

Das 10 às 10,45 — Estudo Bíblico, por *R. Gerber*.

» 11 » 11,45 — 3.<sup>a</sup> Reunião Administrativa.

Às 15 horas — Departamento da Escola Sabatina.

Das 16,15 às 17 — Relatório de Obreiros.

» 17 » 18 — Culto Vespertino.

Às 21 horas — Conferência Pública, por *Alberto Raposo*.

SÁBADO, 19 (às 9,15) — Reunião de Monitores.

Das 10 às 11 — Escola Sabatina.

Às 11,15 — Culto, por *R. Gerber*.

» 15,30 — O Presente e o Futuro U. Portuguesa.

Às 17,15 — Reunião para a Juventude.

» 21 horas — Conferência Pública, por *M. Lourinho*.

DOMINGO, 20 (das 9 às 9,45) — Culto Matinal, por *Alberto Raposo*.

Das 10 às 10,45 — Estudo Bíblico, por *R. Gerber*.

As 11,15 — Departamento da Educação.

» 15 horas — Departamento da Missão anterior.

Às 17 horas — Reunião final com vários oradores (reunião para obreiros).

Às 21 horas — Reunião da Juventude.

Nas reuniões administrativas em que tomaram a palavra o director A. Dias Gomes e os diferentes secretários dos Departamentos, foram apresentados os trabalhos realizados no último período administrativo e as necessidades a suprir. Foram dados aos delegados e restantes Irmãos os relatórios financeiros que omitimos aqui mas esperamos que tenham sido apresentados nas diversas Congregações e comentados no espírito das assembleias.

Nomearam-se diferentes Comissões e pensamos que será bom dar aqui as principais resoluções que foram aprovadas pela Assembleia e pelas quais temos de nos orientar:

### RESOLUÇÕES APROVADAS

#### 1.<sup>a</sup> — Voto de gratidão a Deus

Considerando as múltiplas bênçãos recebidas da parte de Deus, particularmente a paz no nosso país neste tempo de guerra.

Considerando o aumento de número de membros baptizados, e no interesse criado em volta do Evangelho, no bom êxito das campanhas financeiras e no aumento dos dízimos.

Resolvemos confessar-nos gratos ao Senhor por tôdas estas bênçãos.

#### 2.<sup>a</sup> — Fidelidade

Considerando os desastrosos efeitos que causam os maus exemplos no nosso trabalho em favor das almas que pretendem os salvar e no mundo em geral.

Considerando a desaprovação de Deus pela negligência na observância dos princípios da nossa denominação estabelecidos pelas instruções do Espírito de Profecia.

### Resolvemos

Fazer um fervoroso e oportuno apêlo a todos os obreiros e membros das nossas congregações para:

a) que se dê um fiel testemunho pela vida pessoal.

b) que se abandonem completamente as diversões mundanas tais como teatros, cinemas, corridas, desafios e outros divertimentos públicos.

c) que se renuncie a tôdos os vícios, o jôgo e lotarias.

d) que se abandone o exagêro das modas, ostentações de vestuário, uso de jóias, pinturas e outros usos que constituem vaidades do mundo.

e) que se reverenciem as nossas casas de culto.

f) que se preste a devida atenção às instruções do Espírito de Profecia sôbre a Reforma Higiênica.

g) que se consagrem pela oração para uma mais cuidadosa observância dos mandamentos de Deus.

### 3.ª — Guarda do Sábado

Considerando que o 4.º Mandamento estatue: «Não farás nenhuma obra... nem tu nem teu filho...».

Recomendamos aos Pais adventistas que caminhem seus filhos menores de tal maneira que estes não se entreguem a trabalhos ou outras ocupações profanas em dia de sábado.

### 4.ª — Trabalho Missionário

Considerando a grande necessidade de intensificar a proclamação da mensagem adventista na nossa União.

Recomendamos

a) que se reedite a colecção Verdades Eternas.

b) que se procure fazer uma distribuição judiciosa dos mesmos folhetos.

c) que se publique um pequeno folheto que desperte o interesse pelos assuntos religiosos e que sintetize um ponto importante da nossa Mensagem e, ao mesmo tempo, anuncie a colecção Verdades Eternas, pormenorizando os assuntos, com os endereços onde os interessados se possam dirigir para os adquirir.

d) que todos os membros procurem fazer uma larga distribuição tão proveitosa quanto possível desses pequenos folhetos.

### 5.ª — Departamento da Juventude

Considerando que em várias Igrejas da União Portuguesa é maior o número de Jovens do que o de membros.

Considerando a necessidade de cristianizar essa numerosa juventude e de a conduzir no caminho cristão.

Considerando atentamente a experiência durante estes dois últimos anos.

### Resolvemos

a) sugerir que, nas Igrejas, o seu Obreiro responsável tome particular interesse pela Juventude e trabalhos do seu departamento.

b) Agradecer a Deus o elevado número de jovens que tem dado à União.

c) Agradecer aos Obreiros que manifestaram interesse pelo Departamento da Juventude.

d) declarar que é preciso prestar tanta atenção com o Departamento da Juventude como, por exemplo, ao da escola Sabatina.

e) Aconselhar que as reuniões da Juventude sejam realizadas escrupulosa e religiosamente nos dias do respectivo horário. Achamos que nas Sociedades bem organizadas, com a sua mocidade dividida em grupos, talvez baste uma reunião quinzenal. Nas outras sociedades uma reunião semanal é de desejar.

f) Aconselhar que as colectas da Juventude e Assistência sejam religiosamente dedicadas ao fim proposto pela União, que se evitem despesas supérfluas dentro da Sociedade para que a colecta receba o máximo de rendimento, que excedido o alvo da respectiva sociedade se continue a dedicar ao mesmo fim o produto das colectas.

g) Aconselhar as Direcções e Obreiros a que se familiarizem com os planos denominacionais para a Juventude.

h) Aconselhar a que os programas enviados pelo respectivo Departamento sejam seguidos embora possam ser melhorados.

i) Aconselhar a Juventude a que façam os seus programas dentro e fora da casa de culto de forma simples, natural e sem caracter teatral.

j) Relembrar a necessidade e vantagens para os nossos jovens de obter conhecimentos de enfermagem que lhes permitam tratar de doentes.

### 6.ª — Departamento da Colportagem

Visto o nosso grande campo de actividade recomendar o envio de colportores para as colónias.

### Resolvemos

Recomendar a publicação rápida dos livros já anteriormente indicados nos trabalhos do Conselho da União e ver se é possível publicar a Revista Saúde e Lar mensalmente.

Recomendar aos Irmãos directores dos diversos campos que animem os jovens para o trabalho da colportagem e comuniquem os seus nomes ao Chefe de Colportores.

### 7.ª — Missão Interior

Agradecer a todos os membros e Obreiros que têm trabalhado em prol das campanhas financeiras e missionárias.

Recomendar a todos os Obreiros que ponham em prática o programa missionário e que realizem todos os meses, no primeiro sábado, o culto missionário bem como o quarto de hora missionário que vai do fim da escola sabatina ao início do culto.

**8.<sup>a</sup> — Escola Sabatina**

Considerando que as Sagradas Escrituras são o pão espiritual de que todos carecemos.

Resolvemos

a) Aconselhar tôda a Igreja a alimentar-se diáriamente da palavra de Deus por meio das lições da Escola Sabatina.

b) Pedir a todos que têm responsabilidades nas Escolas Sábatinas que façam o possível para que tôda a Igreja esteja presente e a tempo e que todos estudem cuidadosamente as respectivas lições.

Considerando que se torna necessário animar a Escola Sabatina de um rénovado vigor.

Resolvemos

a) Aconselhar a que se evite fazer da escola sabatina uma máquina que trabalhe sempre da mesma forma.

b) A que se procurem dentro da escola sabatina novas formas de estudo e ensino que levem todos a interessar-se mais pela mesma, sem todavia sair das normas aprovadas oficialmente.

c) Aconselhar a que cada monitor se sinta não só um professor mas um pastor da sua classe, procurando apascentar o seu rebanho e particularmente interessando-se pelos seus alunos que faltem, pondo-se em contacto com êles por meio de visitas ou de correspondência.

Considerando que não é suficiente uma reinição de meia hora para os monitores antes de passarem às suas classes.

Resolvemos recomendar que esta reinição passe a ser de 45 minutos, empregando-se o primeiro quarto de hora em assuntos de ordem prática e a restante meia hora na lição do dia.

**9.<sup>a</sup> — Departamento do Lar**

Considerando que por vezes os membros da Igreja se têm de ausentar periódicamente.

Recomendamos

a) Que se organize o departamento do lar de tal sorte que leve os Irmãos a inscrever-se nele tôdas as vezes que se afastem pelo período de um mês ou mais.

b) Que se nomeie para isso um secretário de departamento do lar.

**10.<sup>a</sup> — Escolas Sábatinas anexas**

Considerando a conveniência em se criarem núcleos de estudo das Sagradas Escrituras sôb a forma de escolas sábatinas anexas.

Recomendamos que se criem essas escolas sempre que para elas se possam ajuntar algumas pessoas regularmente.

**11.<sup>a</sup> — Departamento da Educação**

Considerando o que está feito.

Resolvemos

a) Agradecer a Deus a possibilidade de termos já em todos os campos da União Obreiros portugueses que receberam o seu treino elementar na nossa Escola de Lisboa.

b) Pedir que sejam tomadas tôdas as medidas necessárias para continuar êsse esforço, para maior rendimento do trabalho e economia de tempo e dinheiro.

**12.<sup>a</sup> — Evangelização**

Considerando a liberdade de que gozamos na evangelização.

Considerando as afirmações feitas pelos nossos Obreiros.

Considerando que temos presentemente uns 850 membros na União;

Considerando que estamos no fim do 2.<sup>o</sup> Trimestre e que nem em tôdas as Congregações se fizeram baptismos.

Resolvemos

Pedir aos Obreiros e Irmãos que façam um esforço especial para obtermos 1.000 membros no 2.<sup>o</sup> Semestre de 1943.

**13.<sup>a</sup> — Liberdade Religiosa**

Considerando a necessidade de viver dentro da Lei.

Resolvemos pedir à União que envie a cada Obreiro um parecer do advogado sôbre as leis referentes às reinições religiosas e da maneira legal de proceder em caso de qualquer atrito.

**Dois novos Pastores**

foram consagrados ao Ministério: o Irmão Manuel Lourinho e o Irmão Marcelino Viegas. Temos muito prazer em saber que o número de Pastores aumenta, sinal de que os rebanhos crescem e necessitam ser apascentados. Esperamos que, conforme foi dito pelo Pastor R. Gerber, estas duas consagrações sejam o ponto de partida para maiores empreendimentos e actos no campo da evangelização, tanto na que esteja sôb a influência directa dêstes novos Pastores mas até no campo em geral. Realizaram-se as consagrações no Sábado, 19, pelas 5 horas da tarde, sendo officiantes os Pastores R. Gerber, A. Dias Gomes, E. V. Hermanson e A. Raposo.

No culto da manhã, tomou a palavra o Irmão R. Gerber que fez um apêlo vibrante em favor da União ao trabalho de evangelização. Uma colecta especial foi levantada para a edificação de capelas que rendeu mais de seis contos.

**Boas Notícias**

se fizeram ouvir da bôca dos Obreiros que comunicavam o interêsse que observavam nos seus diferentes campos, desde o Açôres ao Algarve. As Missões de Cabo-Verde e de S. Tomé não ficaram no esquecimento; o Irmão Dias Gomes que as visitara tomou a palavra para defender as suas necessidades e explicar as suas dificuldades. Estamos muito próximo dos 1.000 membros e pensamos que teremos o privilégio de alcançá-los no 3.<sup>o</sup> Trimestre de 1943. Esta notícia encheu de alegria todos os corações.

**Poucas mudanças**

foram efectuadas no quadro dos Obreiros. Nos conselhos reünidos ficou assente enviar para Angola o Irmão Armando Casaca, caso o seu estado de saúde permita. Para o substituir em Coimbra foi indicado o Irmão Lutero Simões readmitido ao serviço da Conferência Portuguesa. O Irmão Arlindo Miranda, após largo tempo de

tirocínio nos serviços de escritório que já domina bem, foi posto ao serviço da evangelização da Conferência. O Irmão Pedro Ribeiro foi enoxxerado do seu cargo de Tesoureiro e transferido para a Madeira. O Irmão A. F. Raposo virá ocupar o seu cargo como secretário-tesoureiro da União. A Irmã Lucelinda Godinho cedeu o seu lugar na Publicadora Atlântico ao nosso Irmão Falcão e virá ajudar o Irmão Raposo nos serviços de gabinete.

Trabalhamos largo tempo nos assuntos das missões de Cabo-Verde e de S. Tomé. Queremos que os nossos Irmãos daquêles arquipélagos saibam que por êles temos muita simpatia e desejamos reforçar a nossa obra de evangelização. Estão feitos planos para dar ao Irmão Grave alguns meses de descanso e tratamento na metrópole.

### Finalmente

No domingo dia 20 às 21 horas demos a palavra à Mocidade da Igreja de Lisboa com alguns representantes das outras Igrejas que apresentaram um interessante programa. Duas mensagens foram lidas ao Irmão R. Gerber, em francês, por um jovem e uma jovem. Às 24 horas estava terminada a reunião e dávamos por findos os nossos trabalhos da Assembleia Geral.

## Notícias várias

### Pró - Missões

Estão a sair do prelo alguns bons milhares de revistas missionárias para a nossa campanha do verão. Chegou a oportunidade de fazer alguma coisa na propaganda da cristianização das nossas colónias através das missões adventistas. A nossa revista, propositadamente, não tem artigos doutrinaários. Deixamos ao cuidado de cada irmão a escolha do folheto que deva entregar à pessoa visitada. Pensámos ser mais prudente excluir da revista qualquer artigo, frase ou palavra que levante sentimentos de hostilidade e controvérsia nos amáveis leitores. Esta revista, como todos sabem, não se edita com o fim de defender qualquer doutrina mas sim para angariar fundos e levar ao público a ideia simpática da Obra Missionária.

Que Deus dê coragem, saúde êxito e liberdade aos que façam alguma coisa na sua distribuição, são os nossos votos sinceros.

Possa a Revista Missionária encher alguns corações de amor pelos nossos compatriotas coloniais e pela obra das Missões em todo o mundo.

### A História do Movimento em Portugal

Ainda neste número não aparece a continuação dos artigos anteriores, pela falta de tempo do nosso redactor. Esperamos para o próximo número.

### Curso de Colportagem

Enquanto se imprime a Revista Adventista, um curso de colportagem se realiza em Lisboa, com a presença dos colportores em activo, de todos os alunos do Curso Bíblico e de mais algum aspirante à colportagem.

Durante êstes dias planos serão feitos para os trabalhos de verão para os alunos quer na colportagem quer na Campanha das Missões.

## Salvar almas, a nossa principal ocupação

Ao preparar-me para deixar Portugal, desejo exprimir a todos os meus prezados Irmãos e Irmãs a minha gratidão, pelo benévolo acolhimento e profunda afeição cristã que me dispensaram. Encontrei aqui mais uma vez os mesmos sentimentos que já havia encontrado, quando das minhas numerosas visitas de outrora. Há já oito anos desde que tinha vindo pela última vez a êste belo país e sinto-me deveras contente de ter tido o privilégio que acabo de fruir, de ter passado uma quinzena no meio de vós. Conservo dêstes dias uma recordação inapagável.

Agradáveis progressos têm aqui sido feitos desde a minha última visita. A obra desenvolveu-se consideravelmente e estabeleceu-se mais fortemente, tanto no Continente como nas Ilhas. Organizou-se a União Portuguesa. A mensagem penetrou num novo território, a Ilha de S. Tomé. Fizeram-se novos progressos na Madeira, Açores e Cabo-Verde. Estamos profundamente reconhecidos a Deus por todos êstes resultados.

Tenho no entanto podido constatar convosco, que resta ainda muito que fazer. O trabalho está longe de ser acabado e, na realidade, têmo-lo apenas começado. E preciso pois prosseguir a tarefa com uma mais inteira consagração, um novo zêlo e uma resolução inquebrantáveis.

E na evangelização sobretudo que necessitamos um despertamento. E chegado o momento em que, mais do que nunca, devemos gravar isto na mente e no coração. Que os obreiros sobretudo tomem isso a seu cargo com um espírito de fervor e de iniciativa. Foi para isso que sobretudo foram chamados. Convidamo-los pois a encarar de coração esta tarefa, como o exige a solenidade dos tempos actuais. Resta-nos apenas um pouco de tempo para acabar a obra. Apressemo-nos pois, e que todo o nosso ser seja inteiramente consagrado ao cumprimento desta tarefa.

Deus diz-nos: «Eis aqui esta terra, eu a dei diante de vós: entrai e possuí a terra». (Deut. 1:8)

Chegou verdadeiramente o momento de partir à conquista de todo o nosso território para o reino dos Céus. Que esta seja a nossa principal ocupação: salvar almas. Unamo-nos todos num supremo esforço, com êste alvo. Deus assim o quere e Ele nos dará êxito se confiamos na sua ajuda.

Salvemos também a nossa Juventude. Devíamos ter continuamente nas nossas igrejas classes baptismas, afim de preparar os nossos jovens e os interessados para o baptismo. Devia ser o nosso plano ter serviços baptismas nas nossas igrejas, todos os trimestres. Peçamos a Deus o poder do Espírito Santo, pois é graças a Ele que poderemos realizar êste programa divino de proclamar o Evangelho Eterno a todos os habitantes da Terra. Que o Senhor nos vivifique a todos e que sejamos instrumentos nas Suas mãos para a salvação de muitas almas. Seja a nossa divisa: A evangelização de todo o território da União Portuguesa nesta geração. Deus o quere e Ele nos tornará capazes de fazê-lo.

**R. Gerber**

# Os Quatro Cavaleiros do Apocalypse

*Oitava de uma série de seleções publicadas em "Sings of Times", sôbre comentários ao Apocalypse.*

por Gwinne Dalrymple

«E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais que dizia como em voz de trovão: Vem, e vê. E olhei e eis um cavalo branco: e o que estava assentado sôbre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma corôa, e saiu victorioso, e para vencer». Apoc. 6:1,2.

Ao abrir o Cordeiro o primeiro sêlo, João vê um cavalo branco, cujo cavaleiro com corôa e arco avança victorioso e para vencer. Começa aqui uma outra série de profecias relativas ao desenvolvimento da Igreja. Temos visto que as sete igrejas descritas, no segundo e terceiro capítulos do Apocalypse, são um emblema do povo de Deus através da era cristã. Do mesmo modo os quatro cavaleiros representam a história da cristandade durante os séculos que seguiram a ascensão de Nosso Senhor.

Há, contudo, esta diferença: Laodicea, Éfeso, Filadélfia e Sardo, representa aquêles que Deus olha como Seus, a despeito das suas falhas e precalços. Laodicea, com tôda a sua cegueira e orgulho, é apesar disso a figura simbólica da verdadeira Igreja. Mas os quatro cavaleiros representam não os crentes que Deus olha como Sua Igreja, mas aquêles que o Mundo olha como Igreja de Deus. Ambos os grupos podem ser o mesmo, — no caso do primeiro cavaleiro, são o mesmo, — mas logo, mais adiante, podem ser bastante diferentes; e aquilo que o mundo considera a Igreja de Deus, é muitas vezes tudo menos isso. Com esta distinção na mente, entraremos directamente no estudo dos sete selos e dos quatro cavaleiros.

O cavalo branco e o seu cavaleiro representam o poder conquistador do Evangelho ao avançar êle no mundo romano nos tempos apostólicos. Não foi pelo poder das riquezas ou do conhecimento que os discípulos efectuaram a sua tarefa. Homens simples, êles contavam uma história simples. «Cristo, e êste crucificado», era o seu tema. Êles revelavam o seu humilde nascimento em Nazareth — Deus incarnado, ainda que ninguém pode compreender êste mistério. Descreviam uma vida isenta de pecado. Revelavam um amor que curava os doentes, e choravam pelos desviados. Alargavam-se numa compaixão que, conquanto revelada na nossa comum humanidade, era o sinal e o símbolo da compaixão que repousa no coração do Pai Celestial. Falavam do homem Jesus Cristo, que, como êles mesmos tinham visto, fôra crucificado fora dos muros de Jerusalem, não por Êle mesmo, mas por nós. Falavam da sua sepultura no túmulo emprestado de José. Contavam como Êle se levantou outra vez, para reinar para sempre à destra de Deus, — não esquecido daqueles que tinha deixado, mas como seu intercessor e advogado, compassivo e misericordioso, tocado para

sempre com o sentimento das nossas enfermidades. Contavam como Êle voltaria um dia.

Perto e longe, os discípulos foram por tôda a parte com a sua mensagem de um Salvador crucificado, mas ressuscitado. O nome de Cristo foi ouvido em Cirene e Antioquia, em Salamina e Roma. Em cada província do Império, foram estabelecidas igrejas. Paulo podia declarar que no seu próprio tempo o evangelho tinha sido prêgado a tôda a criatura debaixo do céu. Corações que estavam cançados dos seus pecados encontravam descanso no Cordeiro de Deus. Homens e mulheres que tinham observado com uma estranha negligência os ritos selvagens de Cybeles, ou os majestosos sacrifícios de Júpiter Capitolino, encontraram nas simples assembleias de fiéis aquêlê repouso e paz pelos quais os seus corações famintos tanto ansiavam.

Não foi nos palácios dos ricos nem nas escolas superiores que os cristãos receberam as mais calorosas boas vindas. Os apóstolos falam-nos claramente dos seus humildes princípios. «Porque os Judeus pedem sinal, e os Gregos buscam sabedoria. Mas nós prêgamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes prêgamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Porque, vêde, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os pôderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas dêste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas dêste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis dêste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Êle». I Cor. 1:22-29. A Igreja primitiva não se gloriava, salvo no Senhor Jesus.

Contudo, n'Êle ela tinha tôda a glória. Conquanto humildes os nomes no seu registo, conquanto sem adornos os lugares da sua assembleia, conquanto simples a ordem do culto, o próprio Cristo era o seu Irmão mais velho. Na pobreza e na aflicção, os seus membros podiam bem consolar-se a si mesmos com a promessa, «Não temas, ó pequeno rebanho; porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino». Lucas 12:32. Aqui estavam os homens e mulheres que, conquanto aos olhos dos estranhos fôssem de pouco valor, pelos olhos da fé eram vistos como herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Cristo. Aqui estavam os homens e mulheres que tinham sido salvos da degradação quási inconcebível do mundo pagão. «Não sabeis vós», pergunta o apóstolo, «que os injustos não

hã de herdar o reino de Deus? Não erreis: Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores entrarão no reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus». 1 Cor. 6:9-11. Tal era o poder daquêles primeiros tempos, que mesmo os mais dissolutos eram emendados, e os mais abandonados trazidos de novo para Deus.

Um vento de perseguição soprou contra a Igreja. O sangue dos conversos Cristãos tornaram vermelhas as arenas de uma centena de anfiteatros. «Em tudo somos atribulados», escreve o apóstolo, «mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos mas não desamparados; abatidos mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos; e assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal». 2 Cor. 4:8-11. Na fornalha da perseguição a fé dos eleitos brilhava mais refulgentemente, e o sangue dos mártires era sem dúvida a semente da igreja. Cada ano via erguer-se novos grupos de crentes, e o estandarte da cruz conduzido a novos triunfos e vitórias mais gloriosas. «Victoriosa e para vencer», a Igreja avançava na sua trajectória.

«E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem, e vê. E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada». Apoc. 6:3-4.

O mais impressionante característico sob o segundo selo é a mudança na cor do cavalo. Primeiramente era branco, emblema de vitória e pureza. Agora é vermelho, emblema, como mostra a própria passagem, de guerra e controvérsia. Que mudança surgiu na Igreja? Quando foi a névea pureza da fé apostólica trocada pelos escuros matizes da cólera e do ódio?

O abandono pelos professores cristãos da simplicidade do evangelho, foi gradual. Mas, como vimos no nosso estudo sobre a igreja de Laodicea, mesmo nos tempos apostólicos havia aquêles que desejavam ter a pre-eminência, e que eram apenas demasiado condescendentes para contender por grau e posição no meio dos seus irmãos. Esta tendência, podemos bem imaginá-lo, não diminuiu com a morte dos apóstolos. A crescente proeminência e riqueza das igrejas apenas fortaleceram as vozes de ambição e orgulho.

Nos primeiros tempos a organização dos crentes era simples. Havia anciãos e superintendentes. Mas não havia hierarquia pretendendo privilégios exclusivos. «Um só é vosso mestre, Cristo», tinha dito Jesus, «e todos vós sois irmãos». Mat. 23:8. Pedro refere-se a si mesmo como simples ancião. Paulo não toma para si nenhum nome mais elevado do que o de apóstolo, — um termo que significa «o que é enviado», e praticamente idêntico à nossa palavra moderna «missionário», — porque êle tinha sido enviado longe aos gentios, para levar até êles a mensagem do Redentor do mundo. Êste certamente era o título de todos os apóstolos, e não encontramos que êles se arrogassem a si mesmos nenhuma autoridade presunçosa, mas

meramente levavam aquele prestígio que devia naturalmente pertencer aquêles que tinham visto o Salvador face a face, que tinham caminhado com Êle nas poeirentas estradas da Galileia, e com Êle ceado no contacto familiar do cenáculo.

Mas veio o tempo em que esta simplicidade não mais agradou aquêles que tinham tomado a direcção da Igreja de Cristo. A ambição, essa última enfermidade das mentes nobres, insinuou-se. A princípio as suas exigências eram moderadas, como sempre são as exigências da ambição. Mas com o andar dos anos sempre foi assumido um tom arrogante pelos primeiros bispos, e cortesias que eram a princípio bemvindas como um favor, eram em breve exigidas como um direito. O clericalismo tornou-se rígido e fixo. Ireneu declara que na Igreja, e só na Igreja, são encontrados os tesouros da verdade. Orígenes assegura que não pode haver salvação fora da Igreja. Cipriano ajunta que não importa o que o homem ensina; se ensina fora da Igreja, está em erro; e onde está a Igreja? — a Igreja está onde o bispo dirige. Assim era enganosamente tomada uma mera unidade exterior pela unidade interior e espiritual com Cristo, a qual só, de harmonia com o Novo Testamento, pode trazer a salvação.

A professa Igreja mantinha ainda um horror pela heresia. Ela esquecera, contudo, que a mais pura doutrina se torna um erro se não é diariamente interpretada no coração pelo Espírito Santo. Assim se levantaram tôdas aquelas controvérsias inúteis e anti-cristãs do segundo e terceiro séculos — controvérsias que produziram ódio, mas não luz. Bispos que ao reunirem-se se saudavam um ao outro com o ósculo da paz, partiam com anátemas e excomuniões porque não podiam chegar a acôrdo se a Páscoa devia ser celebrada no dia catorze de Nisan ou no domingo seguinte à sexta-feira santa. Os mais argutos controversistas esqueceram-se de notar que a Bíblia nada diz quanto à celebração da Páscoa, e que «sexta-feira santa» é um termo inteiramente desconhecido das Escrituras. Mas quando os homens chegam a um ponto em que o talento usurpa o lugar da humildade, e a controvérsia é olhada como um sinal de piedade, disputas e querelas serão sempre o quinhão da Igreja.

Uma disputa muito mais séria em breve transformou a paz do corpo de Cristo. Tem sido bem notado que «nenhuma mente finita pode inteiramente compreender o carácter ou as sombras do Ser Infinito. Não podemos, procurando, interpretar Deus. Para as mentes mais fortes e mais altamente cultas, tanto como para as mais fracas e mais ignorantes, êsse Ser Santo deve permanecer envolto em mistério.» Mas êste princípio não foi compreendido, ou se foi compreendido, foi esquecido pelos homens que eram intitulados os Pais da Igreja. Na sua fraqueza procuraram penetrar em segredos que são velados aos anjos, e sondar alturas que o olhar ardente dos querubins e serafins não podem penetrar. Levantou-se uma controvérsia sobre a natureza de Cristo na qual Ario, um presbítero de Alexandria, e Atanásio, patriarca da mesma cidade, eram os principais disputantes. Atanásio sustentava que o Filho era da mesma substância do Pai, enquanto Ario mantinha que Ele era apenas de substância igual à do Pai. A distinção era expressa por duas pequenas palavras, — sendo um ditongo a única diferença entre as duas!

Mas a fúria e o azedume dos contestantes em breve provava quão longe tanto a ortodoxia como a heresia se tinham desviado do Espírito do seu divino Mestre. Tumultos e derramamento de sangue



esperavam as discussões; não só os bispos mas em breve toda a cristandade entraram na dissensão; e as forças de Atanásio quebravam as cabeças dos moços de cavaliçã Arianos, por ousarem discutir a geração eterna do Filho da idêntica substância do Pai. «Preguntai ao merceeiro qual é o preço do pão», declarava um contemporâneo, «e ele vos responderá: O Filho é subordinado ao Pai». Preguntai ao vosso criado se o banho está pronto, e ele vos dirá: «O Filho veio do nada».

A disputa em breve chegava aos ouvidos de Constantino, o mais illustre converso da Igreja. A princípio ele apelou para a unidade; mas os bispos não admitiam tal coisa. O Imperador então convocou o famoso concílio de Nicea, no mesmo ano, vem a propósito dizê-lo, em que assassinou o seu irmão mais velho. A assembléa esteve em sessão por um periodo de dois meses, e as suas deliberações sobre a natureza da Divindade foram frequentemente honradas pela presença do próprio Constantino. Não como um monarca, levantado num trono sobre a multidão dos seus súbditos apareceu ele nessas ocasiões; mas sentando-se num pequeno banco aos pés dos bispos, professava ouvir com a maior humildade as suas palavras de sabedoria e de revelação. O subtil apêlo à vaidade dos eclesiásticos, pode bem ser imaginado. Durante as sessões o imperador deu um grande banquete aos bispos, e chamando-os a si um após outro, presenteou-os com raros e valiosos presentes. Tão magnificente foi essa distribuição, que Eusébio, que estava lá, profanamente diz que «devia ter parecido a semelhança do reino de Cristo» — a fantasia de um sonho, mais do que o despertar de uma realidade.

A Nicea tinham vindo trezentos e dezoito bispos, com muitas centenas de eclesiásticos inferiores. Havia alguns presentes que ainda traziam, no corpo cicatrizado e na martirizada carne, as

marcas da última grande perseguição sob Diocleciano. Mas a lembrança dos seus sofrimentos não abrandou a sua atitude para com os seus oponentes. Constantino decretou que todos aquêles que não se subordinassem à opinião de Atanásio deviam preparar-se para destêro imediato, que os livros de Ario deviam ser queimados, e que toda a força do Estado devia ser exercida para erguer a fé da Igreja.

Passaremos ao infeliz relatório do azedume e dissensão que tomou posse da professa Igreja de Cristo durante aquêles anos de controvérsia. Atanásio injuriava os seus oponentes de «diabos, anticristos, maníacos, judeus, politeístas, ateus, cães, lobos, leões, hienas, camaleões, hidras, enguias, maldizentes, mosquitos, escaravelhos e sanguesugas». Os seguidores de Ario retorquiam no mesmo estilo. A luta foi transmitida do reinado de Constantino aos seus sucessores, e os bispos lutavam para ganhar o apoio do imperador reinante, quem quer que ele fôsse. Os ortodoxos triunfavam ou eram vencidos, os herejes levantavam-se ou caíam, ao capricho dos governantes que eram destituídos de qualquer princípio de Cristianismo.

«Os laços da sociedade civil», segundo o sucinto comentário de Gibbon, «eram rasgados pela fúria das facções religiosas»; e o historiador continua dizendo: «Gregório Nazianzeno lamenta muito pateticamente que o reino dos céus tivesse sido convertido pela discórdia na imagem do caos, de uma tempestade nocturna, do próprio inferno. Quão minuciosamente isto confirma o testemunho do Revelador! Foi na verdade dado poder àquele que se sentava sobre o cavalo vermelho, para tirar a paz da terra, e que se matassem uns aos outros: e foi-lhe dada uma grande espada.

Ext. do «*Signs of Times*» Setembro 1942

## TERÁ A IGREJA PRIMITIVA OBSERVADO O SÁBADO?

1 — *Que annunciou Jesus ser a sua attitude para com os Dez mandamentos, mesmo no seu mais pequeno detalhe?*

«Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquêle, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus». Mat. 5:17-19.

2 — *Qual era o costume regular de Jesus ao Sábado?*

«E, chegando a Nazareth, onde fôra criado,

entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler». Luc. 4:16.

3 — *Que relação se atribue Ele para com o Sábado?*

«O Filho do Homem até do Sábado é Senhor». Marc. 2:28.

4 — *Tendo em mente a contínua observância do Sábado muito tempo depois da Sua partida deste mundo, por que disse Ele aos seus discipulos que orassem?*

«Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado». Mat. 24:20.

5 — *No Sábado imediatamente após a crucifixação de Jesus, quão cuidadosamente*

*observaram as mulheres o Sábado? Que Sábado é particularmente mencionado?*

«E era o dia da preparação, e amanhecia o sábado. E as mulheres, que tinham vindo com Ele da Galilea, seguiram também e viram o sepulcro, e como foi pôsto o seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no sábado repousaram, conforme o mandamento». Luc. 23:54-56.

6 — *Na primeira jornada missionária de Paulo, qual era o seu costume regular ao Sábado?*

«E êles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia, da Pisidia, e, entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se». Act. 13:14.

7 — *Depois do serviço nêsse particular Sábado, que pediram os gentios?*

«E, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas». Act. 13:42.

8 — *Que aconteceu no Sábado seguinte?*

«E no sábado seguinte ajuntou-se quási tôda a cidade a ouvir a palavra de Deus». Act. 13:44. (Esta circunstância põe de parte a objecção que Paulo foi à sinagoga — literalmente lugar de reunião — no Sábado, porque era a única ocasião em que podia encontrar os judeus. Esta foi uma reunião com os gentios. Dava a Paulo, o apóstolo dos gentios, uma oportunidade suprema de notificar-lhes qualquer mudança no Sábado e no tempo da sua observância).

9 — *Quando não havia Igreja, onde ia Paulo no Sábado?*

«E no dia de Sábado saímos fora das portas para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para a oração; e, assentando-nos, falámos às mulheres que ali se ajuntaram». Act. 16:13.

10 — *Nêste assunto da observância do Sábado, que exemplo seguiram os gentios de Tessalónica?*

«Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das Igrejas de Deus que na Judea estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a êles». I Tess. 2:14.

11 — *Quantas das outras Igrejas Gentias na Grécia seguiram o exemplo da Igreja de Tessalónica?*

«De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedónia e Acaia». I Tess. 1:7.

12 — *Que afirmação na decisão inspirada do primeiro grande conselho da Igreja cristã indica que todos os gentios tanto como tôdas as igrejas judaicas estavam observando o verdadeiro Sábado?*

«Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, e cada sábado é lido nas sinagogas». Act. 15:21.

13 — *Perto do fim do seu longo serviço missionário, que disse Paulo aos judeus de Roma acerca da sua atitude para com as*

*práticas dos Judeus, tais como a observância do Sábado? Quantas inovações tinha êle introduzido?*

«E aconteceu que, três dias depois, Paulo convocou os principais dos judeus, e, juntos êles, lhes disse: Varões irmãos, não havendo eu feito nada contra o povo, ou contra os ritos paternos, vim contudo preso desde Jerusalem, entregue nas mãos dos romanos». Act. 28:17.

14 — *Em que dia da Semana teve João a sua grande Visão?*

«Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi de traz de mim uma grande voz, como de trombeta». Apoc. 1:10.

15 — *Qual é o único dia que o Senhor reclama como Seu?*

«E dizia-lhes: o Filho do Homem é Senhor até do Sábado». Luc. 6:5.

16 — *Se quizermos seguir o exemplo de Jesus, dos apóstolos, e de tôda a Igreja apostólica, que dia da semana observaremos como Sábado?*

«E aconteceu também noutrô Sábado que entrou na Sinagoga, e estava ensinando». Luc. 6:6.

«E Paulo, como tinha por costume, foi ter com êles; e por três sábados disputou com êles sobre as Escrituras». Act. 17:2.

«E todos os Sábados disputava na Sinagoga, e convencia a judeus e gregos». Act. 18:4.

Ext. do «*Signs of the Times*» Julho 1941

## Escola de Treino Missionário

Funcionou muito regularmente durante o presente ano lectivo. No momento em que escrevemos, está a realizar-s o último exame de frequência. Um bom número de alunos frequentaram êste ano as aulas alguns dos quais vieram de longe. Tivemos dois alunos dos Açores, três da Madeira, dois de Cabo-Verde, um do Porto, dois de Coimbra, dois de Portalegre. O Internato funcionou sem carência de comestíveis e com tôda a higiene e sossêgo que permitisse o maior rendimento nos estudos. Nada podemos dizer sobre o aproveitamento final dos alunos mas pensamos que não é totalmente desanimador: alguns houve que aproveitaram bem o seu tempo.

Planeamos melhoramentos nos estudos: a aula de enfermagem deve ser provida de tudo quanto elementarmente careça; as disciplinas elementares para comércio e escritório deveriam receber a devida atenção. Deveríamos ter dois cursos em cada ano lectivo, de quatro meses e meio cada um, o que duplicaria o número de admissões. Não podemos esquecer a numerosa juventude que nas diversas Igrejas aguarda ansiosamente a possibilidade de melhor preparação e estamos planeando um curso elementar por correspondência; todo o jovem que seguisse êsse curso com aproveitamento seria preferido na admissão ao Curso, no último ano dos seus estudos. São planos! Mas qualquer realidade começa por plano.

Jesus deseja que a sua Igreja guie e salve a Juventude.

# “O ADVENTISMO”

Tal é o título do livro escrito pelo Sr. P.º Rolim, O. F. M. com umas 267 páginas, quatro autorizações eclesiásticas, estilo apimentado, edição da União Gráfica de Lisboa.

É natural que seja apreciada pelos leitores da Revista uma análise resumida mas precisa do dito livro. Dividiremos o assunto nos seguintes pontos:

- 1) Considerações gerais;
- 2) Verdades sobre o Adventismo;
- 3) Verdades sobre assuntos gerais;
- 4) Erros e más interpretações sobre o Adventismo;
- 5) Erros doutrinários, históricos e exegeticos;
- 6) Conclusões práticas.

Claro está que reservaremos sempre espaço na Revista aos artigos sobre o assunto escrito pelos nossos obreiros e, em especial, pelos pastores.

## 1 — Considerações gerais

Qual será o adventista português que não sinta prazer na honra dispensada pelo Sr. P.º Rolim e seus superiores hierárquicos à sua Crença?

A obra ataca, de forma geral, o Protestantismo. Deixou na penumbra o nome de muitas congregações evangélicas há muitos anos na evangelização de Portugal e colocou nas montras dos livreiros, a brilhar aos olhos dos curiosos, o belo nome «O Adventismo».

Esta honra deve-se às forças de evangelização do nosso movimento. Na verdade, pouco ou nada fizeram; mas esse pouco foi o bastante para dar ao nosso movimento as honras de vivo, agressivo, convincente. Parece-nos, pois, que deveríamos fazer do aparecimento de «O Adventismo» um estríduo toque de clarim para novas actividades na propaganda das doutrinas que reputamos verdadeiras e indispensáveis ao povo português. Os nossos Evangelistas e Pastores têm agora uma ótima oportunidade de chamar auditórios de centenas e milhares de pessoas, às salas de culto ou aos salões de conferências, alugados de propósito, e de tomar

a crítica do respectivo livro como pretexto para fazer brilhar as Verdades Eternas. Queira Deus não percam essa oportunidade!

E tudo isto sem a mínima zanga contra o Sr. P.º Rolim. Assim como Saulo de Tarso perseguiu os cristãos, assim o P.º Rolim escreveu a sua obra: Porque aquê era componente do Sinédrio, bom discípulo da escola farisaica; e este é frade da Venerável Ordem de S. Francisco, tem por dever defender o Vaticano, encara tôdas as coisas detrás dos seus óculos corados à romanista. Na arte de maldizer não se mostra grande especialista; diz mal do que não entende. Paciência! O mesmo Senhor que na estrada de Damasco partiu os óculos farisaicos de Saulo ainda hoje pode iluminar um frade.

Todos quantos nos conhecem e conosco têm privado sabem que somos cristãos convictos da possibilidade da união entre cristãos. Bastará que todos aprendam aquê conselho apostólico: «Para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra o outro» (I Cor. 4:6). Há divisão entre os cristãos, cada denominação puxa para o seu lado, justamente porque em cada sector aprenderam a colocar os dizeres dos seus mais doutos e santos representantes acima dos dizeres das Sagradas Escrituras. E que trabalham não têm os mestres e doutores das diversas Igrejas para defender as tolices de tão santos varões e varoas contra a acção bactericida da luz bíblica! Ora, quando todos os cristãos compreendam que as Sagradas Escrituras são a Palavra de Deus, inspirada aos seus servos; quando se capacitem que entre os dizeres dos santos varões e os dizeres do próprio Deus há um abismo de diferença; quando aprendam a pôr de lado o que esteja em oposição aos claros ensinamentos das Escrituras e a olhar com desconfiança para tudo quanto nelas não esteja escrito, então, terminará a cisão dos cristãos, cairá a Grande Babilónia, essa prostituta que dera a beber a todos os povos do vinho da sua impudicícia.

Quanto a nós bem quizeramos acreditar na infalibilidade de algum ser humano.

Não é das coisas mais difíceis reunir um grupo de amigos interessados e interessados e proclamar a infalibilidade religiosa de um homem ou mulher. Pessoalmente acreditamos que nada mais se ganharia com isso do que o ridículo. É próprio do ser humano cometer erros. Por isso, sempre que aparece alguém, como o Sr. P.º Rolim, a dizer-nos que estamos errados, que interpretamos mal as Sagradas Escrituras, achamos ser nosso dever abrir os olhos, apurar os ouvidos e concentrar toda a atenção no exame do assunto proposto. «Examinai todas as coisas! Retende o bem» (II Tess. 5:21).

Examinemos pois «O Adventismo».

## 2 — Verdades sobre o Adventismo

São muito raras. Não admira: o autor não se deu ao incômodo de consultar as obras adventistas nem de pedir informações fidedignas a quem de boa vontade lhe daria. Basta vêr que não cita nenhum livro ou documento adventista onde baseia as suas afirmações. Nota-se que a máxima preocupação do Sr. P.º Rolim não foi escarpelizar o credo adventista e demonstrar o erro das suas doutrinas, à luz da Revelação e da Razão. Interessou-lhe mais apresentar uma interpretação das profecias de Daniel e do Apocalipse sobre a qual falaremos a seu tempo.

«A boca que não sabe mentir nem quer mentir» (pág. 25) deveria tomar precauções, dar ao público uma fotografia correcta do Adventismo e não uma caricatura mentirosa.

Em 267 páginas poderá o leitor encontrar apenas cinco afirmações exactas sobre «O Adventismo». Ei-las:

### 1.ª — Pág. 142:

«Adventistas do Sétimo Dia... observam o sétimo dia, o sábado, em vez do domingo. É que, dizem, não se pode justificar pela Escritura a transferência. Só admitem, como regra de Fé, a Bíblia. Crêem também que os 2.300 dias de Daniel terminaram em 1834 (?) mas que Jesus Cristo, de então para cá, está purificando o Santuário e que, findo esse trabalho, virá. Então os bons reinarão com Ele. O Demónio e os máus serão aniquilados».

A estas afirmações faremos os seguintes considerandos:

1.º — Num tão pequeno parágrafo, com

certas verdades, aparecem os seguintes erros:

- a) Os Adventistas dizem que os 2.300 dias terminaram em 1834. Desafiamos o autor a que cite a mais insigificante obra adventista, um artigo que seja, onde esteja indicada aquela data de 1834 para fim dos 2.300 dias de Daniel.
- b) Os fundadores do Movimento Adventista foram M. White e Miss. H. Harmon. Prova apenas que não leu nada sobre a origem do dito movimento.
- c) Têm uma congregação presbiteriana como os calvinistas. O autor Rolim assim afirma sem provar e nós ficamos certos que não percebe nada sobre organização adventista.

2.º — De resto, é verdade que cremos na Segunda Vinda de Cristo; que guardamos o sábado por estar indicado assim no 4.º Mandamento da Lei Moral de Exodo 20, lei que Cristo não aboliu, como se pode provar pelo simples facto de que todas as Congregações Cristãs, incluindo a de Roma, combatem o pecado que outra coisa não é senão a transgressão dos Mandamentos de Deus; que Cristo, desde 1844 (não 1834) exerce no reino invisível dos céus uma acção particular indicada na profecia de Daniel como «purificação do Santuário», finda a qual virá. Quando vier será para cumprir a Sua promessa sentida em João 14:1-3. O Demónio e os máus serão aniquilados.

Provas? Aconselhamos a leitura do livro «Nossa Época e o Destino do Mundo» de W. A. Spicer; isto para quem não esteja bem integrado no Adventismo.

### 2.ª — Pág. 156:

«Para os adventistas, o chavelhinho-chavelhão (*nome cómico que o autor inventou para substituir a pequena ponta de Daniel 7:8*) representa a Igreja Católica, o Papismo».

É verdade. Leiam o capítulo respectivo na «Nossa Época». Pelo menos algumas provas aí encontraremos. O Sr. P.º Rolim é que não dá provas nenhuma pelas quais possamos vêr que a tal «Ponta Pequena» representa os Napoleões, os Bismarques, os Julianos ou os Antígonos.

Esta interpretação é um insulto? Quem ler a interpretação de Spicer, no livro «A Nossa Época» ou qualquer outro escritor adventista, não encontra estilo insultante. Pode encontrar mais ou menos lógica.

3.<sup>a</sup> — Págs. 164 e 165:

«Tantas e tais voltas dão (os adventistas) aos 2.300 dias. tantos e tais jogos malabares fazem com êles que os transformam em anos».

É verdade que os 2.300 dias proféticos são interpretados pelos Adventistas como anos literais.

Não deram, para isso, voltas nem revira-voltas, não fizeram jogos malabares. Seguiram o exemplo de ilustres intérpretes romanistas, entre os quais, apontamos o grande Bossuet, pelo qual o Sr. P.<sup>o</sup> Rolim parece ter profundo respeito, visto que na página 241 da sua obra o cita como glória de Roma. Pois bem, ouçamos a interpretação Bossuet:

«Vimos que estas semanas reduzidas a semanas de anos, segundo o uso das Escrituras, fazem quatrocentos e noventa anos... os doutos fazem diferentes cálculos para enquadrar com precisão êste tempo. O que eu vos proponho não causa embaraços».

(*Histoire Universelle* pág. 168)

4.<sup>a</sup> — Pág. 240:

«A Besta Apocalíptica de Apocalipse 13:1-10 e 18 dizem os Adventistas que representa a Igreja Romana».

É verdade. Quem deseje as provas pode ler «A Nossa Época» páginas 248 e 249. Também podem ler Revista Adventista n.<sup>o</sup> 17.

O Sr. P.<sup>o</sup> Rolim, em vez de refutar a interpretação, mostra-se muito zangado e pergunta de cima das suas «tamanquinhas»: «Então a Igreja dos Apóstolos, dos Mártires, dos Confessores, das Virgens, dos Santos Padres, etc., etc., etc., é a Besta do Apocalipse?»

Que ideia, Sr. P.<sup>o</sup> Rolim! Pois está claro que não é! A Besta do Apocalipse é a Igreja que abandonou os claros ensinamentos de Cristo e dos Apóstolos; a igreja dos Martirizadores; dos Inquisidores; dos Simoníacos; dos célebres três papas simultâneos a excomungar-se mutuamente do Vaticano, de Avinhão e de Espanha; daquêles célebres chupistas do dinheiro dos cristãos-novos portugueses e que os burlaram estabelecendo a inqui-

sição em Portugal, consoante afirma o historiador A. Herculano; a igreja daquêles que queimaram o jesuíta Malagrida o que lhes valeu, da pena de douto católico que se esconde sob o nome de Nemo, no seu livro «E pur si muove!», pág. 217, o epíteto bem merecido de Corja!

Longe de nós confundir o trigo com o joio.

Diremos porém ao Sr. P.<sup>o</sup> Rolim que não esqueça que o número dos analfabetos vai decrescendo em Portugal. No sertão brasileiro é que poderia dizer sem perigo de ser contraditado: «A Igreja Romana é tudo quanto há de puro, de santo, de belo, de grande, de admirável, de verdadeiramente humano e divino no mundo».

Que os seus superiores lhe dêem um bom galardão pela audácia das suas afirmações. Para quem procure a verdade não bastará lêr afirmações; precisa de prova.

5.<sup>a</sup> — Pág. 251:

«Os adventistas-sabatistas guardam o sábado».

É verdade.

Além destas quatro ou cinco afirmações exactas, encontram-se também mais algumas verdades de ordem geral que indicaremos no próximo número. Agora no que é riquíssimo o livro é em êrros como depois provaremos.

(*Continua no próximo número*)

---



---

## Chegaram

Os nossos missionários Ataíde Candeias e sua esposa escreveram de Angola, de Vila Luso, no dia 6 de Abril.

Respigamos os seguintes parágrafos da sua carta:

«O Ir. Stevenson veio esperar-nos no seu automóvel e conduzir-nos a sua casa onde estivemos 8 dias. Não poderemos esquecer a extrema amabilidade dêste irmão e de sua esposa durante a nossa estadia ali. No dia seguinte levou-nos, no seu carro, ao hospital do Bongo. Ficamos encantados com a paisagem: parece um lugar onde o pecado não penetrou, um recanto da Nova Terra! Os nossos irmãos no Bongo receberam-nos com grandes demonstrações de simpatia. Os irmãos angolanos também nos prepararam uma carinhosa e entusiástica recepção cantando dois hinos na sua língua e um em português».

«Encontramo-nos agora em Vila Luso. O irmão Director da Missão da Luz, para onde partiremos amanhã, é pessoa extremamente amável e bondosa. Sentimo-nos felizes por saher que por dois ou três meses não estaremos sós mas teremos conosco pessoa de experiência para nos orientar e advertir».

«Terminamos enviando saudações a todos os Irmãos de Portugal».

Sejam bons e produtivos missionários, são os nossos votos.

Por intermédio do profeta Isaías, Deus proclamou este desafio aos outros pretendentes à divindade: «Tragam-nos e *anunciem-nos as coisas que hão de acontecer*: anunciad-nos as coisas passadas, para que atentemos para elas, e saibamos o fim delas; ou *fazei-nos ouvir as coisas futuras*. Anunciad-nos as coisas que *ainda hão de vir*, para que saibamos que sois deuses». Isa. 41:22-23.

Deus deseja ser pôsto à prova neste assunto. Ele vê o fim desde o princípio. Para Ele o futuro é o passado, e Ele sabe que ninguém pode predir-lo, senão Ele mesmo.

Consideremos algumas das predições bíblicas concernentes a cidades e indivíduos, deixando as que se referem às nações para outro artigo.

Ciro, rei da Pérsia, foi chamado mais de cem anos antes de nascer, e a obra que devia realizar em conexão com a libertação dos judeus do cativeiro de Babilônia e a restauração da sua cidade e templo em Jerusalem, foi descrita.

Quando a predição foi feita, Jerusalem e o templo ainda não haviam sido destruídos. Mas veio a destruição, e veio o cativeiro. E, mais tarde, veio também a restauração, encorajada por Ciro, como havia sido predito. A queda de Babilônia ante a estratégia de Ciro é plenamente sugerida na referência à abertura «perante ele das portas de bronze e dos ferrolhos de ferro». Vêde Isa. 44:24-28; 45:1-7.

### Grandes cidades actualmente em ruínas

Tyro era um grande porto de mar e importante centro comercial nos dias do profeta Ezequiel, cêrca do ano 600 A. C. Era, como disse um escritor, a New-York da Ásia. «Imensamente rica e fortemente fortificada, parecia não haver razão para que ela alguma vez caísse. Mas Ezequiel dissera que ela seria destruída; o próprio pó da terra seria dela varrido, deixando-a uma rocha escavada, «um enxugadouro das redes». «Não seria mais reconstruída». Vêde Ezequiel 26:4-14. Hoje Tyro não existe. O local da antiga cidade corresponde à descrição profética. É uma rocha escavada onde os pescadores ainda estendem as suas redes a enxugar.

Babilônia era maior que Tyro. Era a poderosa metrópole do grande império de Babilônia, — a cidade de ouro de uma idade de ouro». Mas o seu aniquilamento total fôra predito pelo profeta Isaías. Não deveria mais ser reconstruída ou habitada. Vêde Isa. 13:19-22.

No seu apogeu esta cidade tinha noventa e cinco quilômetros de circunferência, cercada por uma grande muralha de mais de noventa e nove metros de altura, com enormes portas de bronze barrando o caminho contra quaisquer intrusos. Riqueza imensa e víveres para aguentar-se muitos

anos, estavam armazenados naquela cidade, a maior que o mundo jámais conheceu.

Mas Deus dissera por meio do Seu profeta: «e varrê-la-ei com a vassoura de destruição». «Nunca mais será habitada, nem reedificada de geração em geração: nem o árabe armará ali a sua tenda, nem tão pouco os pastores farão ali deitar os seus rebanhos. Mas as feras do deserto repousarão ali». Isa. 14:23; 15:20-21.

Seria difícil dar uma melhor descrição do presente estado de Babilônia do que a encontrada nas palavras do profeta desde longa data. Não há muito tempo tive o privilégio de passar umas poucas de horas passeando sobre os montes de areia que assinalam o lugar onde outrora estava a cidade. Próximo passa um caminho de ferro e em frente da porta principal está um caminho lateral e uma tabuleta, com as palavras: «Paragem de Babilônia». Ao olhar para a tabuleta e pensar no que Babilônia foi outrora, a maior metrópole do mundo, parecia um sonho. Não é uma paragem regular de comboios; mas podem afrouxar, e

mesmo parar. Não é uma estação de caminho de ferro, mesmo pequena, nem sequer um apeadeiro, é apenas uma pequena paragem accidental. Ninguém lá vive. O guia árabe que nos mostrou as ruínas, teve de ser contratado numa pequena cidade distante. É ao caminharmos sobre as dunas de areia que cobrem o que foi em tempos a «grande Babilônia», e ao olharmos as ruínas que foram recentemente postas a descoberto, — as paredes do palácio de Nabucodonozor, a cova onde Daniel passou uma noite com os liões, o palácio de Belshazar onde a mão de Deus escreveu a sua condenação na parede, — fomos profundamente impressionados, e quando aquêles profetas da antiguidade escreveram as suas predições, «falarão movidos pelo Espírito Santo».

# O Holofote da Profecia

por James Orville Wilson

### Outras cidades antigas ainda existem

E se algum leitar é inclinado a pensar que foi apenas por acaso que estas duas cidades, Tyro e Babilônia, foram totalmente destruídas, não se esqueça que nem tôdas as cidades antigas tiveram o mesmo fim. Algumas cidades destruídas foram reconstruídas de novo. Algumas foram reconstruídas várias vezes. Tomemos Jerusalem, por exemplo; destruída uma e outra vez, mas sempre reconstruída, e permanecendo ainda hoje. Tomemos Sidon, a cidade irmã de Tyro, e quasi tão grande é famosa, como a própria Tyro. Nos dias de Ezequiel, Sidon estava já mostrando sinais de declínio e enfraquecimento. Se o profeta tivesse pensado segundo a aparência das coisas, teria seguramente dito que Sidon seria destruída. Mas, em vez disso, êle fez essa predição de Tyro; e quanto a Sidon, apenas disse que seria enviada «pestilência e san-

que nas suas ruas». Ser passada à espada «de ponta a ponta», seria o seu destino. Vêde Ezequiel 28:20-25. Sidon continua a existir, uma cidade de razoável tamanho. Tem tido períodos cruciantes, mas continua de pé.

### Como provar que a Bíblia é falsa

Existem presentemente um bom número de descrentes e cépticos no mundo, e alguns dêles têm sido conhecidos por dispenderem consideráveis esforços para refutarem a Bíblia e destruírem a fé daquêles que nela crêem. Eis uma maneira muito simples, de os cépticos provarem que a Bíblia é falsa, ou pelo menos indigna de crédito. Formem uma companhia para reconstruir Babilónia ou Tyro, e façam ali a sua residência. Têm-se lançado em maiores dificuldades e despesas do que as que isso envolveria, escrevendo livros, desenterrando caveiras de mortos, procurando fósseis e vértebras perdidas. Que tentem êste simples empreendimento; pois, se qualquer destas cidades for alguma vez reconstruída e permanecer de pé, a palavra de Deus falhou. Dizem os cépticos algumas vezes, à falta de melhor argumento, que qualquer profecia se torna verdade se lhe dermos tempo suficiente. Mas no caso destas cidades, quanto mais tempo as deixamos continuar em ruínas, maior é o seu testemunho da inspiração dos profetas.

Mas estas predições proféticas concernentes a homens e cidades são apenas um murmúrio no grande côro de profecias bíblicas. E mesmo estas, tocámo-las apenas muito ao de leve.

As profecias provam também que Jesus de Nazareth é o Messias. Assim a Crístandade tem não só o seu Novo Testamento, dando a história da fundação da sua religião, mas tem também o seu Velho Testamento, dando centenas de profecias e referências do Messias por vir, cuja veracidade e crédito têm sido abundantemente verificados. Isto é de muito maior significado do que muitos supõem. Nenhuma outra religião no mundo está construída sôbre tal fundamento. «Temos também a palavra segura dos profetas; à qual bem fazeis, em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro... Porque a profecia não veio por vontade de homem algum: mas os homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo».

Mas ao mesmo tempo que Deus deseja ser provado pelo rigor das profecias que mandou escrever, igualmente deseja ser pôsto à prova quanto ao Seu poder para salvar. «Provai e vêde que o Senhor é bom», é o Seu convite. «Bendito (ou feliz) o homem que n'Ele confia». Salmo 34:8. «Vinde a Mim», disse Jesus, «todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei». Mat. 11: 28. Milhões estão prontos a testemunhar que Jesus fez isto por êles. Estas palavras têm sido postas à prova, e verificou-se serem verdadeiras. Ninguém tem o direito de rejeitar êstes desafios feitos por Deus através da Sua palavra, sem primeiro pô-las honesta e sinceramente à prova; e ninguém que tal faz, se vai embora duvidoso ou desapontado. Deus seguramente cumprirá as Suas promessas se Lhe dermos ocasião para isso. Os nossos corações serão mudados, e seremos tornados em novas creaturas.

No campo missionário tenho visto isso acontecer inúmeras vezes. Tenho visto a palavra viva de Deus fazendo a sua obra transformadora nos corações e vidas humanas.

Canibais das ilhas dos Mares do Sul e doutros lugares selvagens da terra têm sido transformados em pacíficos cristãos e em cidadãos respeitáveis por êste mesmo poder maravilhoso. Escravos do

vício têm igualmente sido libertados. Um pobre nativo do Norte da Índia habituado ao uso do ópio ouviu a história do Evangelho e creu nela. Mas quando tentou abandonar o uso do ópio, verificou que estava atado como com cadeias de ferro. Abandonar as bebidas e o tabaco, é nada, comparado com a tentativa que alguém faça para libertar-se do ópio. Poucos são os alguma vez chegam a conseguir tal libertação. Os médicos consideram o vício do ópio incurável, tanto quanto concerne à medicina. Êste pobre homem chamou o evangelista, e juntos oraram pela libertação. Agarraram-se às promessas do Livro. Êste escravo do ópio tornou-se um homem livre. Êle dá testemunho que a partir desta noite de oração, não mais sentiu desejo de ópio. E verificou-se que daí em diante nunca mais usou a droga venenosa.

Experiências semelhantes podiam ser multiplicadas. E aquêles que passaram uma tal experiência, nunca duvidam que a Bíblia é verdadeiramente a Palavra de Deus, e que Êle é absolutamente poderoso para cumprir as promessas feitas no Seu Livro. Qualquer que presuma pôr a Bíblia no banco do réu para julgá-la, deve tomar em conta estas promessas, e pô-las a rigorosa prova. Jesus diz que se viermos a Êle, Êle nos aliviará das nossas cargas, nos libertará e nos dará paz. Uma tal oferta não devia ser levemente desperdiçada.

Assim a Bíblia dá-nos a luz da profecia para ajudar-nos a compreender os tempos, e a Luz da vida para guiar-nos nos caminhos da paz. É um poderoso holofote que penetra não só o futuro distante, mas os mais profundos recessos do pecaminoso coração humano. Abençoado Livro! Seguramente Êle é uma lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho. Sal. 119:105.

## COLPORTOR PARA ANGOLA

Segundo o que foi decidido nas Assembleias e segundo o que foi aceito pela União de Angola, vai partir o primeiro colportor para aquela grande Colónia. O Irmão Heliodoro B. Vieira, do segundo ano do C. Bíblico, leva consigo um bom carregamento de livros, de revistas *Saúde e Lar* e de *Revista das Missões*. Com êle vão os nossos melhores desejos de coragem e de êxito. Sabemos da necessidade de estabeler em Angola o Departamento das Publicações e tudo quanto em nós caiba será posto em acção de modo que livros e revistas sejam enviadas. Logo que tenhamos o livro de higiene — dentro de três meses — poderá seguir outro colportor.

## MAIS UM APÊLO

Pode ser que já se tenham todos esquecido do apêlo de Angola para mais duas famílias de missionários brancos do continente. Nós ainda não esquecemos êsse apêlo e sabemos que trabalhar a fim de lhe dar uma resposta satisfatória é fazer progredir o trabalho em Angola e em Portugal. Não temos uma escola de Treino Missionário só para a Conferencia ou União Portuguesas mas sim para todo o território portuês.

Mas acaba de chegar à nossa mesa uma carta do Director da Missão de Moçambique pedindo que lhe forneçamos uma família missionária portuguesa porque na sua Missão não tem mais nenhum branco e necessita de abrir o trabalho da escola e outros.

## Evangelização pela página impressa

Hoje, dia 26 de Julho, tirámos a última fotografia aos nossos colportores e alunos do Curso Bíblico que se preparam para partir. Estivemos reunidos durante quatro dias, bem passados, bem empregues no estudo da Arte de Colportar. Todos manifestaram muito desejo de trabalhar. Assim contamos com 19 valentes colportores durante os meses de verão. O seu campo de actividade será o Continente, as Ilhas e Angola. Quatro dentre eles destinam-se à campanha das missões. Vamos indicar os seus nomes na esperança de não olvidar nenhum:

Heliodoro Vieira	para Angola	
Pedro de Burgo	» Açores	
Lúcio Soares	» Madeira	
J. Mendonça	» Madeira (Campanha das Missões)	
Fernando Mendes	» Continente	
Carlos Esteves	» »	
Eusébio Martins	» »	
Samuel José	» »	
Luís Castanheira	» »	
Irmão Paiva	» »	
Eduardo Pinto	» »	
Joaquim Saldanha	» »	
Carlos Gouveia	» »	
José de Sá	» »	(Revista Saúde e Lar)
Elisa de Jesus	» »	
Maria J. Montês	» »	(Campanha)
Sara de Almeida	» »	»
Mercedes Lopes	» »	»
Fernanda Martins	» »	»

Dentro de três meses contamos ter aprontado um novo livro de higiene, de 500 páginas, bem ilustrado, bem apresentado e vendável. Será o momento de obter escolagens! Enviaremos novo colportor para Angola.

Pedimos aos Directores de Congregações a fineza de lerem a resolução das Assembleias sobre a Colportagem e de animar os Irmãos que vejam mais aptos a tal trabalho.

Oremos pelo êxito dos nossos Irmãos.

## Nobres Sentimentos

William Miller, o grande prægador da Volta de Jesus para 1844 é agora motivo para zombarias. Na realidade não deixa de ser salutar a consideração do seu êrro: marcar uma data para a vinda do Reino. Uma coisa é, porém, observar exteriormente o êrro e outra, muito mais importante, conhecer dos sentimentos e razões da pessoa visada.

Ouçamos, pois, o próprio Miller:

«Em todo o meu trabalho jámais procurei ou pensei criar algum interesse à parte daquele das denominações existentes. Pensava em beneficiar a todos. Supondo que todos os cristãos deviam regosijar-se com a perspectiva da próxima volta do Salvador e que aquêles que não tinham a mesma convicção que eu

não havia por isso de estimar menos aquêles que abraçassem a doutrina, jámais pensei que poderia tornar-se necessário realizar reuniões separadas. Todo o meu anelo era converter almas a Deus, advertir o mundo do juízo iminente e induzir os meus semelhantes a uma preparação de alma que os habilitasse a encontrar-se com o seu Deus em paz. A grande maioria daqueles que se converteram sob o meu trabalho reuniu-se às diferentes igrejas já existentes». (Bliss, «Memoirs of W. Miller» pág. 328).

E outra testemunha ocular bem relacionada com os trabalhos de Miller, acrescenta:

«Prægando a doutrina do segundo advento, Miller e seus colaboradores trabalhavam com o único fito de advertir os homens a fazer a preparação necessária para o julgamento. Esforçavam-se por despertar os crentes professos para a real esperança da igreja e para a necessidade de uma experiênciã cristã mais profunda: trabalhavam também por persuadir os não convertidos do dever do arrependimento e da conversão a Deus. Não fizeram nenhuma tentativa de converter homens a uma seita ou partido em religião. Portanto trabalhavam entre todos os partidos e seitas, sem interferir com a sua organização ou disciplina». (E. White, O Conflito dos Séculos pág. 389).

Digam os humoristas o que disserem, a verdade histórica é que Miller foi um bom estudante das profecias das Sagradas Escrituras, um dedicado discípulo de Jesus, um prægador eloquente e o movimento por êle conduzido um importante despertar espiritual.

## REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *A. Dias Gomes*

Redactor: *Ernesto Ferreira*

Administrador: *A. F. Raposo*

Redacção e Administração:

*Rua Joaquim Bonifácio, 17 — LISBOA-N.*

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual..... 5\$00

Composto e Impresso na  
Tip. GOMES & RODRIGUES  
32, Rua das Picôas, 34 — Lisboa